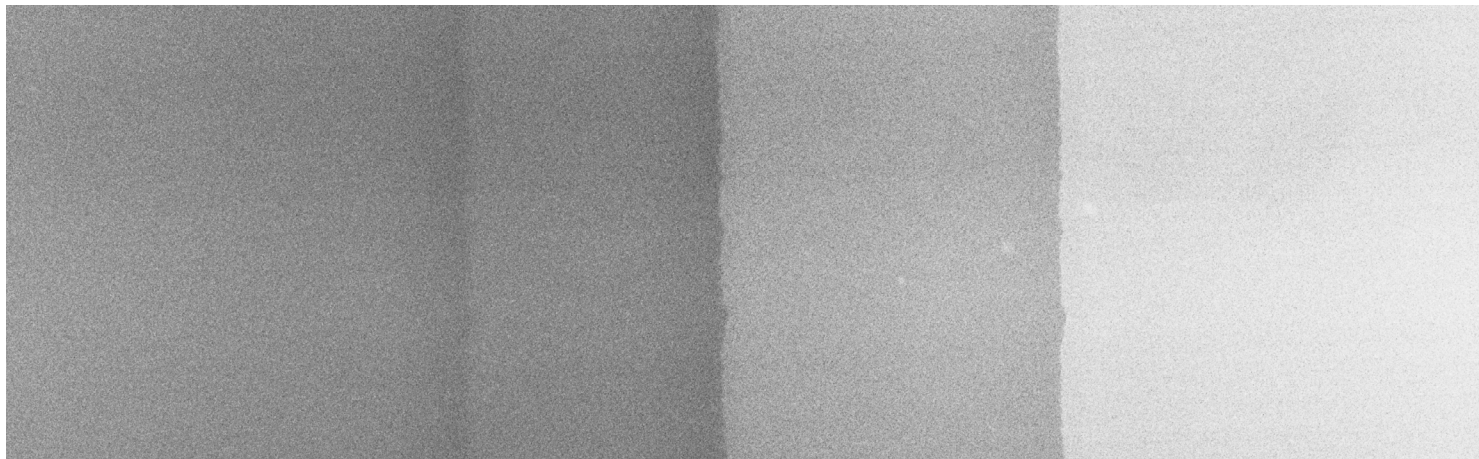


Recolho memórias
lugares, gestos e palavras

Mariana Nunes Siqueira



**Recolho memórias;
Lugares, gestos e palavras**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado
ao curso de Teoria, Crítica e História da Arte, da
Universidade de Brasília

Orientadora: Karina Dias
Aluna: Mariana Nunes Siqueira

Brasília

2023

Agradeço a cidade, por toda memória que se estabeleceu diante dela.

A minha família e amigos queridos que embalaram muitos
pensamentos de coragem e palavras carinhosas.

Ao Natanael Vilela, pelo companheirismo, afeto e interlocução permanente.

Ao Paulo Valeriano, pelo apoio e pela tamanha sensibilidade com a imagem.

A Karina Dias, por colocar a vista os caminhos e por dizer ser possível.

Para o meu irmão, Arthur. Meu pedaço inconsolável.

Me ensinou a encontrar o mundo através dos vestígios de memória e saudade.



“O usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo.”

- Michel de Certeau

Escrevo em frente a janela.

Procuro em minhas lembranças, os lugares perdidos e os lugares que me ajudaram a encontrar. Encontrar o que ainda não sei. Ainda procuro. *Procuro uma palavra vazia para que eu possa preencher*, disse Rancière¹, e eu escutei. Eu, procuro um lugar vazio, eu procuro a falta e por meio dela, procuro encontrar os lugares. O lugar vazio, cheio, montanhoso, barulhento, esguio, redondo, comprido, profundo, profano, profético. Todos. Os reconheci como *lugares*, de fato, a partir da noção da falta, e no escuro. Aquela história, aquele boato de que ao fechar os olhos, achamos o vazio que nos constitui. Quero achar os meus vazios na cidade, para assim, preenchê-los com as memórias daqueles que por aí estão.

Vou atrás, no passeio público e na praça vazia, da compreensão mais profunda dos lugares. Encontrar um lugar e fazê-lo aparecer através da contínua descrição e escuta. A cidade se esconde e aparece continuamente, mas na memória, percebo encontrar algo permanente sobre aquilo que consigo mapear com o meu corpo. Para Certeau², *só se torna crível a gruta da casa, durante algum tempo ainda porosa a lendas, ainda penetrada por sombras*. Me coloco na cidade com uma escuta porosa para as minúcias de todas as vozes que consigo encontrar. A folha cai e alguém grita. Eu escuto e escrevo, a memória íntima e sombria.

Assim como Blanchot³, *me utilizo das palavras no diário para me proteger do esquecimento e do desespero de não ter nada a dizer*. Faço dos dias comuns, corriqueiros relatos.

1 RANCIÈRE, Jaques. O espectador emancipado, p. 63

2 CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, Artes de fazer, p. 173

3 BLANCHOT, Maurice. O livro por vir, p. 273

Tudo começa com o olhar que percorre a cidade.

Dentre tantos lugares, sempre há aqueles que nos recorrem em pensamento e vontade. Vou de encontro a eles e sempre me abrigo em diferentes bancos.

Me disponho em corpo e coragem.

Assim como a personagem Marcovaldo, de Italo Calvino, que escolhe o seu banco *num canto da praça, sob uma cúpula de castanheiros-da-índia: um banquinho isolado e meio escondido*⁴, eu sempre estou à procura do meu. Seja ele vazio, quebrado, cheio, escuro, ensolarado, gentil, inteiro, estável, molhado, iluminado, violento e silencioso.

Me sento, recolho o que tenho em mãos ao meu lado, pego um lápis, bloco de notas e monto a minha placa, onde se pode ler: “Recolho Memórias”. Espero, observo e escrevo, enquanto a cidade acontece.

A poucos metros da rodoviária, encontro um espaço único. Sombras, fontes e blocos para me sentar. Um rapaz me aborda e pergunta se quero engraxar os meus sapatos. *Hoje em dia está muito difícil*, Marcelo me conta, depois me pede para lhe comprar um lanche. Me contou que semana passada pediu para engraxar o sapato de uma senhora e ela chamou a polícia. *Eu vivo na violência*, Marcelo disse. Pegou suas coisas e foi embora, ao som das águas na fonte. O vento ficou forte e a placa caiu.

Memórias ao chão.

Vento de outono. No final da tarde ele fala mais alto. Um casal senta no bloco da frente, enquanto um motoqueiro passa com o seu barulho. Um rapaz está ao meu lado com uma sacola de compras, e uma mulher passa apressada e ignora o vendedor ambulante. O céu está rosa e laranja.

Alguém assobia e o sol está batendo no topo dos prédios. Passou mais um rapaz pedindo ajuda, o seu nome é João. A placa cai pela segunda vez e o céu está mais rosado a oeste. O som das águas da fonte. Reparo em uma viga que segura toda estrutura do prédio enquanto moças gargalham atrás de mim. Nunca havia reparado nas vigas e não conheço essas risadas. Muitos pombos pousam por ali. Um rapaz acena, está procurando por alguém. Uma mulher de camisa listrada de branco e vermelho passa de bicicleta. A lua está quase cheia, mais dois dias e ela estará totalmente à vista, redonda e inteira. *Olhar a lua é o último mundo selvagem à vista do olhar*⁵. Mais dois dias e terei o mundo inteiro nos olhos.

Pessoas ignoram o meu pedido e a minha placa. Uma criança se aproxima, depois corre em direção contrária, passos ligeiros. Um senhor aparece, se chama André e me conta que o Conjunto Nacional foi o primeiro shopping que ele foi na vida. Estou entre a rodoviária e o Conjunto Nacional. Uma criança acena e se despede de mim, não sei o seu nome, mas acenei de volta.

Nos conhecemos.

O vento fala alto.

Trabalhadores passam de uniforme. São sete. Muitos trabalhadores uniformizados, passam com pressa. Carros buzina na faixa de pedestre, o sinal está fechado e as pessoas passam mesmo assim. É a pressa da noite - penso. Evito chamar as pessoas que passam, pois hoje me sinto doente. Ninguém se aproxima. Um rapaz monta seus instrumentos a dez passos de mim, toca saxofone. Um casal senta no banco da frente, segundo casal que senta naquele banco. Escuto as águas da fonte, o saxofone, o vento, buzinas, freios, passos, o bater das asas dos pombos e pessoas falando. Alguém continua a assobiar. Quatro rapazes passam de skate, todos usam preto. Sequentemente em um espaço-tempo de quatro minutos passam onze pessoas de calça jeans, uma por uma. Rodas de skate, água da fonte, o vento, passos, buzinas, assobios e vozes. Os postes acendem, luz branca. Nada convidativo. Um senhor de barba longa e camisa branca caminha tranquilo. Duas moças perguntam o que estou fazendo e saem apressadamente. Um rapaz se preparando para fumar passa com o passo lento, parece tirar proveito da própria circulação física. Artur me conta que gosta de ir para o trabalho de bicicleta aos domingos. Mora na Ceilândia e não acha que lá seja tão atrativo para caminhar ou pedalar. *Me sinto vivendo no espaço. Pra mim, Brasília foi feita para viver e não só para transitar.* Artur pedala no Plano Piloto.

O sax parou de tocar, percebo agora. A placa cai pela terceira vez. A levanto, pesada de palavras, e a deixo mais próxima de mim. Escuto passos, o som das águas da fonte, o tombo das memórias, passos, carros, risadas e conversas à minha volta. Emanuel apareceu, me perguntou se eu cobrava para escrever alguma lembrança dele. Me contou que o seu nome era Alexandre, mas quando criança era custoso demais e sua mãe, inspirada em uma novela, decidiu mudar o seu nome para Emanuel, para ver se acalmava *a sua vontade de viver*. Funcionou. Depois disso ele veio morar em Brasília pois sua mãe o contou que precisava morar na seca, a umidade dos dias praianos em Recife a fazia muito mal.

O rosa ao oeste virou um azul cinzento, anoitece.

O vento está gelado mas o sol está a pino. Os ônibus passam.

Estou em frente ao conic. Hoje descreverei somente pessoas que usam preto, como se só existissem elas nesse mundo. Um recorte, um sonho. Há um rapaz de preto tocando violão debaixo de uma árvore. Uma moça de preto repousa, em pé, na minha frente. Ela usa meias pretas também. Um rapaz careca de camisa polo preta e calça jeans passou apressado. Adriano, de boné preto e camisa preta, me contou que é skatista e o único representante de Brasília em uma competição em São Paulo. *A rua virou um lugar de sonhos possíveis, calçadas e caminhos.* Uma mulher de preto se sentou, está de fones também pretos.

Estou em um lugar que me parece um ponto de espera. Todos parecem esperar. Três pessoas de camisa preta esperam algo. Um jovem de preto passa atentamente olhando para o telefone, enquanto uma moça de vestido preto passa segurando muitas sacolas. A moça de fones pretos, levanta deixando um copo de sorvete pela metade. Saiu sozinha, não esperava ninguém. Uma moça de salto alto e tranças passa rapidamente. Também usa preto. Um homem com camisa de frio preta passa com dois amigos, ele é o único de preto. Conversam olhando para frente, desviando dos passos alheios. Um rapaz de preto se senta ao longe com uma cerveja, parece tranquilo, olhando a paisagem.

Ouçõ cordas de um violão e conversas perdidas. Não consigo acompanhar os contextos.

Cinco mulheres de preto passam, uma segura uma mochila azul infantil. Um homem com camisa preta passa com um bebê no colo. O bebê está vestido de laranja e chora sob o céu azul. E eu, escrevo sob o mesmo céu. Um grupo de estudantes passa tomando coca-cola e sorrindo, me sinto assistindo um programa de comercial. Um rapaz de bicicleta passa, não vejo a cor de sua roupa, mas o vulto da bicicleta me parece preto. A moto preta da polícia sobe a calçada cinza obstruindo a passagem e a via dos que caminham. Alguns camelôs usando preto correm. A polícia recolheu algumas mercadorias deixadas pelos vendedores que não usam preto. Duas senhoras de cabelos brancos e camisas pretas passam com pressa. Brenda me contou que não gostava de Brasília, estava pronta para se mudar. Foi quando encontrou algumas amigas no lago e lá, fazendo face a água, foi que a cidade se apresentou para ela. Na beira do lago ela entendeu a lógica da cidade, e resolveu ficar. Duas moças me perguntam o que eu escrevo. Usam um uniforme azul dos correios. Ambas têm 19 anos. Evelyn diz que tem uma história de amor para me contar, *estou sempre cheia de paixão*, ela me disse. Apesar de namorar um rapaz, ela gosta mesmo é de outro. Um outro que nunca teve, mas sonhou muito em ter. Seu nome é Gabriel. Mais velho, trabalha com Evelyn e ela o vê todas terças e quintas. Um amor de hora marcada, que continua quando ela volta para casa. Aixa, que estava com Evelyn, me contou sobre sua cidade íntima. Me listou brevemente os lugares onde já viveu momentos íntimos e oportunos, e são eles: *Parque da cidade, parque de Águas Claras, prédio em construção perto do Alub de Taguatinga, lanchonete perto do CEMAB, escada de shopping, muitos banheiros, estacionamento dos correios, Conic.*

Do meu lado direito, vejo um vendedor de exame admissional. Ele usa um colete amarelo e segura um guarda-chuva. Faz sol. Na minha frente, uma faixa de pedestres. O sinal está aberto, carros passam e pessoas se amontoam a esperar, um a um, na pequena faixa de sombra que cobre parte da calçada. Paulo Valeriano, camisa de linho. Não sabe ao certo contar uma memória clara, uma narrativa constante. Lembra apenas de flashes de sentimentos de quando morava na asa sul.

Flashes de memória e sentimentos. No meio deles, Paulo me fotografa.



Estou em pé. Contornando a estrutura dos últimos dias, onde a observação acontecia sob a ótica sentada. Estou cercada por blocos de concreto, todos estão sentados à minha volta. Estou em pé, e permaneço. Uma moça de preto que estava sentada em um dos blocos de concreto fica em pé e segue em direção ao shopping. Um rapaz, em pé, passa por mim. Outro, caminha em direção à rodoviária. Um casal fica em pé e caminha com capacetes de moto nas mãos. Um senhor de branco se levanta e caminha, em pé, com sua mala. Um rapaz, em pé, caminha enquanto uma mulher, também em pé, caminha para o lado oposto. Um cachorro, em pé, passa na minha frente com sua dona, também em pé. Quatro pessoas de uniforme azul ficam em pé, vão ao trabalho. Pedro, veio em minha direção, também de pé. Nasceu em Belém e tem 74 anos. Quando tinha 18 dias de vida, caiu da escada com sua mãe, durante uma mudança. Ficou 18 dias internado e voltou para casa. Aos 18 anos, Pedro sofreu um acidente de carro. Ficou 47 dias internado, o médico já havia alertado “*se ele sobreviver, ou vai ficar cego ou vai ficar doido.*” Pedro não ficou nem cego nem doido. Ao sair do hospital disse ao médico, que estava desacreditado:

“Meu senhor, doido eu já nasci, e não fiquei cego porque tenho muita coisa ainda para ver nesse mundo.”





Sentada em um banco na praça do relógio. Há uma montanha a dois passos de mim. Terra, pedras e folhas secas espalhadas em frente ao banco da praça, esperando alguém escalar. Um grupo de pessoas passa discutindo sobre a construção de uma possível rampa na praça. Talvez sejam arquitetos, talvez engenheiros, talvez curiosos. Pessoas atravessam o singelo espaço entre eu e a montanha. Coloco a minha placa perto da montanha, ambos parecem ter o mesmo tamanho. O vento bate sob os dois. Pedro passa com seus dois filhos, disse que sente falta de quando a fonte da praça funcionava. *Água no meio do cerrado é sempre marcante*. E eu concordo. A montanha está ao lado da fonte seca. Nunca sentiu o respingar de suas águas. Escuto sons de carro, músicas, conversas paralelas e imagino o som da fonte que havia aqui. Cai, sutilmente, uma sombra sob a montanha. Vejo insetos. Eles escalam, entre bitucas de cigarro, pedras e terra vermelha.

De onde veio essa montanha?

Alguém a trouxe para o meio da praça?

Teria a praça dado a luz a uma montanha?

Penso na montanha como Petrarca6 pensa no monte ventoso. Penso no que posso encontrar na sua curva, na sua frente e indo em direção oposta a ela. Os bancos da praça são pintados de azul e cinza. Feitos de madeira e concreto. Passa um senhor vestido inteiro de verde. Camisa de botão verde limão e calça verde musgo. Boné branco e mochila nas costas. Contorna a montanha se mostrando insatisfeito com a sua estadia na praça. De onde estou, vejo cinco lixeiras espalhadas pela praça. Há um carro de som perto de uma delas. Um senhor usando um chapéu de sacola plástica já verificou todas procurando algo. O escuto resmungar, enquanto caminha pela praça. À minha direita há dois rapazes usando um chapéu de proteção vermelho e pintando uma mureta de branco. Uma caixinha de música os acompanha. À minha frente, vejo a montanha.

O relógio da praça marca 1:09, em todos os horários.

Estou presa no tempo, eu e a montanha.

Um grupo de pessoas varre a praça, todos vestem azul. Falam alto sobre algo, entusiasmados. Um cachorro passa latindo enquanto uma nuvem de poeira sobe na altura dos meus olhos e se desloca ao meu encontro. Meu e da montanha. A poeira me encontra. A montanha deve ter aumentado alguns centímetros ou gramas. Atrás dela se esconde pequenas montanhas feitas de pedra e blocos de concreto. Meus olhos acompanham seus vestígios, “*prestar atenção em um aspecto faz com que este salte para o primeiro plano, invadindo o quadro*”⁷. Penso nos olhos de Palomar, onde só havia uma onda, e nos meus, apenas uma montanha. Uma montanha e tudo que a cerca. Montanhas e montanhas de detalhes, diferente de Palomar, estendo os meus olhos ao resto do universo.⁸

A observo e noto que parece desconfortável pisar ali, com suas arestas e vértices pontiagudos. Pessoas passam entre as montanhas. Percebo que por detrás da montanha descansam alguns moradores da praça. Um senhor usando um chapéu feito de sacola vasculha os lixos; outro senhor de camisa de gola polo anda de um lado para o outro com uma garrafa de água na mão. O vendedor de plantas, músico e adestrador de cães Willian apareceu. Tem 64 anos.

“Você só não pode quando você existe, se eu não existo eu posso - Me disse ao contar que sempre toca os seus instrumentos e vende plantas no espaço público, e assim lida com a fiscalização, não existindo. Sou respeitador e respeito minha âni^a, minha alma. Deus deve ser esmeraldo comigo.”

Willian tirou uma flauta de sua mochila e tocou uma música de Chico Buarque na frente da montanha. Me chamou de nobre amiga e contou que acredita na existência, a lei deixa a desejar. Sua lei própria é a palavração. *Enquanto alguns querem ir para Marte, meu sonho é nadar nos abissais.*

*Willian
ainda
não
foi
aos
abissais
mas
entendi
o
seu
mais
profundo
desejo
de
existir.*



Eduardo me contou que na praça você tem a chance de ter *A grande experiência*. Pergunto sobre essa experiência e ele me conta que muita coisa acontece ali, boa e ruim.

“Na praça a verdade fica mais afiada, você vê de tudo. A praça é boa de se entender - *A grande experiência*.”

Penso nas tantas possibilidades de se vivenciar a cidade nesse lugar de possível imersão de miséria e maravilha. Trago à memória Baudelaire, quando descreve a cidade no poema XC do seu livro *As Flores do Mal*. “*Cidade a fervilhar, cheia de sonhos, onde o espectro, em pleno dia, agarra-se o passante...*”. O poema segue na descrição de possíveis pessoas que Baudelaire encontra em seu caminho, uma descrição de personalidades que se confundem com as próprias possibilidades de se entender a cidade. Lá, encontramos a cidade velha, onde as roupas cinzas se confundem com o cinza do céu; a cidade que ri por tamanha inquietude; a cidade irônica e fatal; a cidade enferma, *como quem mortos, calça o peso das sapatas, de todo indiferente e hostil do universo*. E para Baudelaire, todos caminham juntos, *com o mesmo passo, que não se sabe a que outro mundo*. Me lembro de ler pela primeira vez e tentar imaginar cada personagem em um local distinto da cidade, justamente pelas diferentes colocações e possíveis lugares que recebem, gentilmente, essas personalidades. Mas acontece que existem esses misteriosos espaços, essa memorável cidade, onde todas as coisas coabitam. Gentilmente ou hostilmente, as inúmeras possibilidades de existir. Eduardo conseguiu achar esse lugar no mundo, ele entendeu a dinâmica que encontrei com Baudelaire, que ao entender a fusão de tantos, e ver de tudo, se descreve confuso e mudo, mas logo depois termina o poema escrevendo: *minha razão debalde ao leme se agarrava, a tempestade lhe rompia a quilha e as cordas, e minha alma, ó naufrágio, dançava e dançava, sem mastros, sob um mar fantástico e sem bordas*.

Sentada no banco da praça, depois de conversar com Eduardo, eu tive a grande experiência, sob um mar fantástico e sem bordas.

Um louvor toca alto, chove fraco. Estou sentada em um banco de madeira. Sinto um cheiro forte de lixo vindo do banco. O ponteiro do relógio continua marcando 01:09. O meu relógio de pulso marca 15:00.

A possível média ponderada é: $1,9 + 15 = 16,9/2 = 8,10$. Agora são 8:10 da manhã. Trabalhadores atravessam a praça para chegar ao trabalho. Agora são 8:10 da noite. Trabalhadores atravessam a praça para chegar em casa.

Emanuele, moradora da praça, me pergunta o que faço aqui, desconfiada. Me contou que mora na praça e todo dia é o mesmo. Quis contar para ela que todo dia é o mesmo por conta do relógio quebrado. Mas antes que eu pudesse ela me deu de costas.

De onde estou, vejo a praça por completo, não havia sentado nesse banco antes. Percebo distantes olhares desgostosos com a minha posição. Os moradores da praça se incomodaram, e como alguém que invade a sua casa, a resposta de imediato é a expulsão. Vieram ao meu encontro, às percebi de longe e entendi o grande incômodo que minha observação causou. O espaço público, ali, cumpria outro papel. Ao meio dos gritos e ameaças, corri a procura do mais seguro local. Uma eternidade se passou nos rápidos e longos passos que fiz até a escada. Me abriguei na proteção de outros habitantes da praça: os ambulantes. Em meio às habitações veladas da cidade, esses permeiam e habitam as calçadas. Me guardaram com autoridade de quem divide um lar. *Invadi a casa alheia*, logo percebi. Me desculpei e expliquei sobre o que estava escrevendo e observando, mas diante a ameaça ninguém escuta, o corpo fala mais alto que qualquer voz presente e os gestos se sobressaem violentamente. Só desistiram de tomar posse do meu bloco de notas quando uma ameaça maior às encontrou, e eu já não era mais o maior problema. Dois guardas vieram em nossa direção, sai da proteção dos ambulantes e segui até o metrô na proteção dos guardas. Esses, me explicaram sobre a estrutura de habitação da praça, e me amedrontam com a possível volta para concluir a minha observação e escuta. Uma situação feroz de cinco minutos e já não sou mais bem vinda na praça. Mas sei que o relógio de lá ainda marca 01:09.



A palavra hoje parece pequena. Há muito aqui. Há tanto. Sinto uma angústia em escrever e enquanto escrevo o mundo passa e estou de cabeça baixa, escrevendo essa palavra,

e agora essa,

essas letras

cada

uma

e o mundo já aconteceu.

Tem dias que o olho não está afiado, e o ouvido acompanha. É preciso estar disposto para perceber a cidade e permitir perder-se em seus tantos caminhos e narrativas.

Esse não foi um desses dias. E eu aceito.



Estou na frente do museu da República, 15:56. Um casal se olha através do espelho d'água enquanto um pai tira foto de seu filho. Vejo o congresso refletido no espelho d'água à minha direita. Brasília vazia, o vento sempre tem voz por aqui.

Escuto o vento, carros e a conversa do senhor que vende pipoca.

Há uma novidade sempre fresca quando encontramos água no meio do cerrado. Todos vão ao seu encontro. Me lembro da cidade de Valdrada, descrita por Calvino⁹. A cidade que se divide em duas, uma perpendicular ao lago e outra que é refletida de cabeça para baixo. Nada se deixa passar na cidade refletida, cada mínimo detalhe que acontece em um, é refletido, em imagem, na outra.

Vejo um homem com um carrinho de pipoca vermelho, e junto dele um homem de camisa rosa e uma mulher de camisa verde. Todos andam calmamente para o leste. O sol bate forte, deixando a cidade espelhada cintilante. Tudo brilha. Um rapaz passa filmando a água. Uma criança tenta arrancar a vegetação que por ali cresce. O vento sopra uma folha, enquanto canta. Um casal vendendo bombons aborda 3 senhoras. Elas não compram. Agora, as 3 senhoras se revezam para tirar uma foto na beira da água. Uma mulher de mochila laranja se senta à beira da água, parece posicionar uma câmera, virada para si. Por um momento, vertigem. A câmera quase cai na cidade do espelho d'água. Vejo o céu, o prédio do congresso e alguns postes refletidos. Um pássaro sobrevoa ao sul. O vento bate na água, fazendo a cidade espelhada balançar gentilmente. Às vezes a água parece parada, mas mesmo parada, se move. Os ministérios refletidos embaçados parecem fantasmas na cidade espelhada. Não ganham uma forma, parecem fumaça. Escuto três pessoas conversando no banco ao lado. Sons agudos. Talvez discutam sobre a direção do vento. Acho que está indo em direção ao sol, mas não falo nada. O que posso dizer, na cidade espelhada, sobre a direção do vento?

Suas coordenadas 15° 47' 49.47" S 47° 52' 41.34" O.

Encontro no espelho d'água, a cidade invertida de Brasília.

“Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção, é também proteger-se da escrita, submetendo-a à regularidade feliz que nos comprometemos a não ameaçar.”

- Maurice Blanchot

Buzinas e conversas paralelas. Ao meu lado esquerdo, uma cabine improvisada de fotos 3x4. Um senhor, chamado João, 73 anos, toma de conta. *Sou o repórter lambe lambe*, ele me diz. Está sentado na frente da cabine, em um banco de madeira. Um pouco mais à esquerda, um casal de senhores repousa, sentados, na sombra feita pelo poste. O céu está azul e o sol está a pino. Uma senhora caminha, com dificuldade, sob asfalto irregular. À minha direita, uma conveniência de capas de celulares. Um rapaz bebe e ao mesmo tempo vomita na porta. Uma moça o acompanha, parece impaciente. Um carro cinza faz uma ultrapassagem errada, causando o soar de muitas buzinas. O motorista usa um boné azul e fuma um cigarro. Chega outro rapaz na conveniência à minha direita, e começa uma briga entre ele e o rapaz que antes vomitava. Vou me sentar mais à esquerda, ao lado da cabine improvisada de fotos 3x4.

O sol bate forte, fazendo a existência corar.

Uma moça vestida inteira de veludo passa ao telefone, parece contar uma história a alguém. Me pergunto se ela não está com calor. Passa um moço vendendo água gelada. Ele oferece a todos com um tom de voz alto, fazendo ressoar na avenida. Bombeiros passam de moto. Escuto sirenes e rodas de carros. Uma mãe passa com seu filho para tirar foto na cabine. A foto será do filho. Ele chuta uma pedra enquanto espera no sol. Uma moça de camisa listrada passa segurando uma mala e o rapaz bêbado se aproxima de mim. Ele grita dizendo que não fez nada e caminha com dificuldade em direção ao metrô. Decido ir para um lugar com sombra. Sinto que estou incomodando a intimidade pública. Um senhor passa lentamente, *às vezes o corpo esquece como se mover*. Ele me diz sem parar de caminhar. Manuel de Almeida é o seu nome. Ele vai todos os dias à lotérica, com seu passo lento.

Passos bêbados, lentos, tímidos, curtos, apressados, enjoados, certos e medrosos vejo por aqui.

Escuto uma música vindo de longe, um rapaz de camisa azul e máscara preta segura uma caixa de som e vem em minha direção. Ele pára para comprar uma água, fazendo a voz do vendedor ficar mais baixa por alguns minutos. Uma ambulância tenta conseguir passagem, no pequeno trânsito à minha frente. Talvez vá de encontro às motos que passaram mais cedo. Ela segue na mesma direção, tentando abrir caminho. A sirene não descansa. Um rapaz passa com um carrinho, anunciando picolés. Diz que a seca chegou. Um senhor de camisa polo branca e calça jeans para na conveniência a minha direita e senta em uma cadeira, a esperar. Na minha frente, depois das ruas e comércios, é possível ver um punhado de árvores. Não uma, ou duas, mas o suficiente para não poder se contar. Reserva da floresta de taguatinga. Um rapaz de bicicleta veio ao encontro do senhor de camisa polo branca, entregou a ele uma sacola e seguiu caminho. O senhor continuou sentado ao som das buzinas e da voz do vendedor de água. Escuto uma furadeira no prédio ao fundo. Acho que é um cartório ou qualquer prédio público. Percebo o vento vindo uma bandeira do Brasil na conveniência ao lado. Mediana e desbotada. A faixa de pedestres a frente se esvazia e se enche constantemente. Impacientes, alguns atravessam sem o sinal fechar. Vejo o meu professor de matemática da sétima série, Luiz. Faz treze anos que não o vejo. Em suas aulas, contava os mais diversos números, e hoje, conto pessoas, prédios, formigas e detalhes da cidade.



O dia está nublado e eu me sento em um banco de praça em Águas Claras. Estou cercada por prédios. Na minha frente, vejo um prédio cor de areia com 16 andares. Suas janelas são verdes. Já à minha esquerda, fica uma rua de comércios, e à direita, uma estação de metrô. O comercial à esquerda se encontra em um prédio com 13 andares. Um homem de amarelo se aproxima. Théo desce nessa estação todos os dias para ir ao trabalho. *Gosto de ver o quão diferente a paisagem é aqui.* Meu olho alcança 17 prédios quando olho para frente e 14 quando olho para a direita. Rodrigo me contou que passa por essa praça, nesse horário sempre, pois desce nessa estação para ir para a academia. Ele disse que mora a uma estação de distância. Pergunto se já fez esse trajeto andando e me disse que não é muito *bom andar*. Rodrigo vai para a academia e duas pessoas de bicicleta passam em sua frente. Um casal de senhores passa com um cachorro no colo. Eles olham para cima, procurando algo no prédio da frente. O cachorro dorme. Encontro Walter. Tatuagem de galo no braço esquerdo e um olhar gentil. Me conta que gosta de sentar debaixo de uma árvore que tem perto do seu trabalho. Observando, viu que a cinco passos de onde gosta de sentar, vive uma coruja, que o observa de cima da árvore. Diogo chega para me fazer companhia na praça. Diz que trabalha no comércio ao lado e sempre se senta ali na hora do almoço. Praça, a sala de estar, descanso. Agora, só eu e ele descansamos na praça. Algumas árvores crescem, ainda pequenas, acho que foram plantadas a pouco tempo. No meu pé, inúmeras bitucas de cigarro. Parece fruta quando chega a sua época do ano e caem todas maduras. Vejo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 bitucas de cigarro. Penso em todas as pessoas que sentaram aqui para fumar um cigarro, e deixaram um souvenir. Rodrigo foi embora, agora, fico somente na companhia das bitucas de cigarro.

Segundas-feiras: a feira fechada. No coração do centro, a atmosfera muda. Alguma música gospel toca estridente. Entre a estrutura da feira e o comércio local, existe uma praça, um vão, composta de bancos de concreto que se estendem em forma de um semicírculo. Ao todo são 12 semi-círculos, cada um com dois bancos. Entre os vãos dos semicírculos, nos dias de feira, se estendem na calçada vários vendedores e ambulantes. Temos na praça: Frutas, sapatos, galinhas, roupas, peixes e verduras.

No momento não tem feira, a praça está quase vazia.

A feirinha da praça, às segundas, fecha junto com a feira. Hoje é segunda e um rapaz fala em um microfone sobre a promoção de capinhas de celular da sua loja, anuncia relógios e fones de ouvido. Na praça, encontram-se somente alguns cansados repousando na sombra, alguns moradores dormindo e curiosos, como eu, observando a vida sentados no semicírculo do banco de concreto. Folhas caem da árvore que está em cima de mim, caem também em cima da árvore cortada que está a pouco menos de dois passos de onde estou sentada. O toco de árvore, coberto de folhas. Um pouco mais à direita há um pedaço de metal, que parecia segurar uma placa, no lugar que ontem mesmo, acontecia uma feira. A esquerda, um comércio de lojas de sapato, tento imaginar quantas pessoas seriam necessárias para calçar todos esses pares de sapato. Na minha frente, separados pela pista, vejo um senhor vendendo chapéu. Escuto o seu enunciado de vendedor no meio do estridente som de muitos enunciados. Ele usa um chapéu cinza e conversa com um rapaz de boné branco.





Árvores, me sinto em um singelo bosque. De onde estou, conto 27 árvores, sendo 4 delas, daquelas que o tronco é tão grande que se divide em vários e a sua copa se espalha por todo espaço. O vento é a coisa mais perceptível aqui. Victor está vestido com uma calça jeans e camisa branca. Contou que um certo dia, desceu do 110 e despretensiosamente acompanhou o som que ouviu na parada até a concha acústica do Instituto de Artes, que consigo ver um pouco distante, à minha esquerda. Era um grupo de professores, que faziam uma matéria chamada Práticas em conjunto, tocavam um álbum do Black Sabbath. Victor chamou os amigos e ficaram por ali.

Hoje, a concha está vazia, por aqui, só escuto o vento e as folhas das árvores.

Muitas folhas caem. Onze pessoas conversam na mesa ao meu lado direito. Oito pessoas passam na minha frente. Estou debaixo de uma árvore e muitas formigas passam perto do meu pé. Na minha diagonal vejo um rapaz de branco deitado em uma rede vermelha, um moço de camisa branca o acompanha. O casal da rede vermelha, no meio do jardim, *a dobra do mundo*. O sol parte inclinado e o vento faz dançar as folhas secas que se acumulam ao redor das árvores. Um rapaz de verde se aproxima, se chama Gabriel. Camisa verde, chinelo verde e garrafa com tampa verde. Gabriel combina com o verde do jardim. Me contou uma história de amor. Apaixonado, veio encontrar uma moça em uma festa na Unb. A pediu em namoro e o namoro durou o tempo da festa. Seu único e primeiro namoro. Logo depois Giovana apareceu. Está de camisa e boné azul. Piercing do lado esquerdo do nariz e relógio no pulso esquerdo. Me contou que em 2017, debaixo da placa Central na estação de metrô, conheceu Ana, que estava com seu amigo Zé. Ana veio a se tornar a sua melhor amiga. *O primeiro dia do resto da minha vida.*

Nicolas tem os jardins do instituto de artes como seu lugar predileto na universidade. *Visceral e rotineiro*. A exata descrição para aquilo que é um fora - dentro. Pedaco do mundo.

“Vivi minha arte cénica, meu sonho de ser ator eu vivi aqui. Desde muito novo eu quis ser ator, e aqui foi o espaço que pude viver o teatro. Não só em mim, mas no outro também. Mesmo que dentro das salas, esse espaço do jardim coabita todos os espaços. Tudo começa ao se demorar no jardim.”

Aqui, entendi que a paisagem ganha outro sentido quando a observamos de perto, percebendo os entres, meios, vírgulas.... “*O jardim não é, portanto, a paisagem em formato reduzido; ele tem seu esquema simbólico próprio*”.¹⁰ Encontrei nesta tarde, o meu pequeno esquema desse jardim; nesse fragmento de horizonte, com essas pessoas, com esse céu e com esse sol. Talvez amanhã ele se encontre de outra forma, com outras pessoas, outros ventos e outros recortes de paisagem, mas em mim, o recorte já foi feito: o que se desdobrará partirá sempre desse mesmo jardim.





Um carteiro vestido de amarelo e azul passa com pressa, mas lança um olhar simpático. Uma mulher de vestidos e sapatos vermelhos o cumprimenta. Essa cena acontece a cerca de vinte passos de distância de onde estou. Um rapaz de camisa branca passa em frente ao prédio verde, e a igreja atrás de mim é azul. O dia também é azul. Ao meu lado, uma escola. Escuto muitas crianças e passarinhos acompanhando o vento. Crianças aparecem correndo e tossindo, vestem um uniforme azul. Em algum lugar, alguém mexe em chaves, escuto o som delas. Chamo um senhor para me contar uma memória, seu Pedro se aproxima, lento e simpático. Veste uma camisa verde listrada e se põe a falar.

“Você é de Brasília? Brasília é uma cidade moderna, servi a aeronáutica e gosto muito de aviões. Se bem que eu gosto mais de andorinhas, Brasília parece uma andorinha. Essa cidade foi uma promessa para nossa senhora de Fátima, você sabia? E se foi pra nossa senhora de Fátima está garantido. Eu não sei se é verdade, mas sei que é história, e história boa é história vivida. Eu sou de São Paulo, você já foi a São paulo? Lá é assim, você pisa aqui e é um lugar, você pisa ali e já é outro lugar.”

Seu Pedro se levanta para exemplificar as diferentes geografias de cada pé. Uma moça de branco se aproxima e pergunta se está tudo bem, Seu Pedro diz que está conversando com uma amiga. Eu, a amiga de seu Pedro.

“Conheci Jucelino na década de 40, em Minas Gerais. Ele era conquistador e pé de valsa. Eu também era. Quando cheguei em Brasília, tudo era poeira vermelha. Recebi um apartamento grande pois tinha 4 filhas, e na época as casas eram divididas assim, por número de filhos. Conheci minha mulher no Rio de Janeiro, sai de Belo Horizonte e fui para lá. Minha mulher adora navios. Você já foi em um cruzeiro? Uma vez viajei de cruzeiro e atravessei uma tempestade, tínhamos que ficar no quarto trancados e minha esposa estava passando mal. Disse pra ela, que para não passar mal, precisamos estar a favor da água, não contra. Água contra provoca enjoo. Fomos de Navio para a Disney, você já foi lá? O lugar mais sem graça que existe, minhas filhas amaram, mas eu não. Fiquei dias sem comer direito. Olha minha filha,

nada se compara com as belezas daqui. Minha filha é professora, ela tem 6 cachorros. Às vezes saio para passear com eles, mas são muitos. Minha filha dá aula em muitas escolas e eu gosto muito dessa quadra por conta da escola, a energia das crianças me deixa muito feliz. Você é de Brasília? Brasília é uma cidade moderna, servi a aeronáutica e gosto muito de aviões. Se bem que eu gosto mais de andorinhas, Brasília parece uma andorinha. Essa cidade foi uma promessa para nossa senhora de Fátima, você sabia? E se foi pra nossa senhora de Fátima está garantido. Eu não sei se é verdade, mas sei que é história, e história boa é história vivida. Conheci minha mulher no Rio de Janeiro, sai de Belo Horizonte e fui para lá. Minha mulher adora navios. Você já foi em um cruzeiro? Uma vez viajei de cruzeiro e atravessei uma tempestade, tínhamos que ficar no quarto trancados e minha esposa estava passando mal. Disse pra ela, que para não passar mal, precisamos estar a favor da água, não contra. Água contra provoca enjoo. Fomos de Navio para a Disney, você já foi lá? O lugar mais sem graça que existe, minhas filhas amaram, mas eu não. Fiquei dias sem comer direito. Olha minha filha, nada se compara com as belezas daqui. Conheci Juscelino na década de 40, em Minas Gerais. Ele era conquistador e pé de valsa. Eu também era. Quando cheguei em Brasília, tudo era poeira vermelha. Recebi um apartamento grande pois tinha 4 filhas, e na época as casas eram divididas assim, por número de filhos. Eu sou de São Paulo, você já foi a São paulo? Lá é assim, você pisa aqui e é um lugar, você pisa ali e já é outro lugar. Conheci minha mulher no Rio de Janeiro, sai de Belo Horizonte e fui para lá. Minha mulher adora navios. Você já foi em um cruzeiro? Uma vez viajei de cruzeiro e atravessei uma tempestade, tínhamos que ficar no quarto trancados e minha esposa estava passando mal. Disse pra ela, que para não passar mal, precisamos estar a favor da água, não contra. Água contra provoca enjoo. Fomos de Navio para a Disney, você já foi lá? O lugar mais sem graça que existe, minhas filhas amaram, mas eu não. Fiquei dias sem comer direito. Olha minha filha, nada se compara com as belezas daqui. Você é de Brasília? Brasília é uma cidade moderna, servi a aeronáutica e gosto muito de aviões. Se bem que eu gosto mais de andorinhas, Brasília parece uma andorinha. Essa cidade foi uma promessa para nossa senhora de Fátima, você sabia? E se foi pra nossa senhora de Fátima está garantido. Eu não sei se é verdade, mas sei que é história, e história boa é história vivida. Conheci Juscelino na década de 40, em Minas Gerais. Ele era conquistador e pé de valsa. Eu também era. Quando cheguei em Brasília, tudo era poeira vermelha. Recebi um apartamento grande pois tinha 4 filhas, e na época as casas eram divididas assim, por número de filhos. Conheci minha mulher no Rio de Janeiro, sai de Belo Horizonte e fui para lá. Minha mulher adora navios. Você já

foi em um cruzeiro? Uma vez viajei de cruzeiro e atravessei uma tempestade, tínhamos que ficar no quarto trancados e minha esposa estava passando mal. Disse pra ela, que para não passar mal, precisamos estar a favor da água, não contra. Água contra provoca enjoo. Eu sou de São Paulo, você já foi a São paulo? Lá é assim, você pisa aqui e é um lugar, você pisa ali e já é outro lugar. Você é de Brasília? Brasília é uma cidade moderna, servi a aeronáutica e gosto muito de aviões. Se bem que eu gosto mais de andorinhas, Brasília parece uma andorinha. Essa cidade foi uma promessa para nossa senhora de Fátima, você sabia? E se foi pra nossa senhora de Fátima está garantido.”

Uma tarde de memórias com Seu Pedro. Fantasmagórica memória diluída. Um vestígio, uma fagulha. A repetição daquilo que não esquece, mesmo se esquecendo do que um dia já contou. Repetição essa, que funciona como gesto: quando a palavra domina o corpo, e só ali já diz muito. Penso no meu gesto, na minha repetição da procura, do sentar, do montar a placa. A repetição dos olhos ao observar em volta o que aparece para mim, as mãos apoiadas nas pernas, a escrever. Os tantos *bom dia, boa tarde, boa noite: estou recolhendo memórias, você pode me contar uma? Sim memórias, uma lembrança sua, algo que viveu na cidade, Não não, não cobro, Não não, não pago*. Os pés repousados como quem sabe que ali gastará muito tempo. E gasto. *Bom dia, boa tarde, boa noite: estou recolhendo memórias, você pode me contar uma? Sim memórias, uma lembrança sua, algo que viveu na cidade, Não não, não cobro, Não não, não pago*. Gestos e gestos, repetidos e percebidos apenas por mim e pela cidade.

Embaralham-se as fronteiras. Camadas e camadas de lembranças cheias de repetições e esquecimento. A beleza daquilo que permaneceu em detrimento daquilo que já não está ali. Não sei quantos detalhes perdi de cada palavra que ouvi, mas fico com o que tenho, e para mim, é tudo.

Eu encontrei as palavras de Pedro. Confusas palavras, mas ditas, pensadas, repetidas e compartilhadas comigo. De fato, a habitabilidade de um local se dá por meio da memória deixada na cidade, as *presenças de ausências*¹¹. Ali, na praça da igreja, vi o Seu Pedro deixar mais viva toda a cidade. Com ele eu fui ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Fomos para outro continente e depois voltamos para casa de sua filha. E no fim, falando, ouvindo e anotando, construímos uma memória só nossa, sentados no banco da praça.





Conheci Anibal Perez, de Tucupita, Venezuela. Está em Brasília para ajudar na fomentação da cultura dos povos originários do Brasil. Se abriga na praça do relógio, junto de sua família. Olhou bem para a minha placa e me disse que memória é pessoa, a palavra é pessoa.

“É preciso falar para não morrer.”

Estou sentada em um banco, na minha frente tem outro banco, quebrado. Seus pedaços se espalham no chão. À minha direita, um senhor senta em um banco embaixo da árvore. O único banco com sombra que vejo daqui. Estou no centro da Ceilândia. Atrás de mim, diversos senhores jogam xadrez. Faz sol e eles usam um pedaço de papelão para complementar a sombra feita pelo boné. Vitor de Jesus aparece, vendendo balinha no sinal. Prefere ser chamado de Cali.

“Uma vez fui a um parque aqui perto do centro. Eu era criança. Balançava sempre muito alto, e sempre caía na terra. Uma vez caí e fiquei olhando para o céu. Senti que fui mais alto parado no chão. Foi um dia especial. Sempre tive uma relação com a terra. Quando tinha sete anos morava em uma casa que estava com o chão saindo. Todo dia ele deixava escapar um pedaço. Um dia, saí de casa e fui andar de bicicleta, caí em um buraco e fiquei dois dias lá dentro até me encontrarem. Às vezes eu acho que foi mais tempo... Depois disso me mudei para uma casa que tinha chão.”



Estou em frente a janela, e escrevo.

Aprendi a olhar os pés no chão com o Seu Pedro e a perceber o céu dentro de um buraco com Cali. Ao se colocar no lugar de observador, se amplia o campo de visão; já não percebo somente o que quer o meu corpo, mas sou atravessada por aqueles que ali habitam. Meu corpo no meio da praça e em conjunto a ela. Eu e o banco. Eu e o trânsito. Eu e as árvores. Eu e os prédios. Eu e todos aqueles que passaram por mim. Revivendo os lugares a partir das inúmeras memórias que ali residem, e assim, oferecendo uma escuta. É possível perceber, ao dar corpo àquilo que é contado, a escala de importância na narrativa de cada um; porém, quando colocadas na escala da cidade, todas possuem o mesmo tamanho. Da sem voz, sem forma, sussurrada, sem cor e sem tamanho, até a história mais detalhada e complexa: debaixo de uma árvore, nada passa despercebido, anoto no meu bloco de notas como o tempo anota os dias.

Deixo escrito. Estivemos ali.



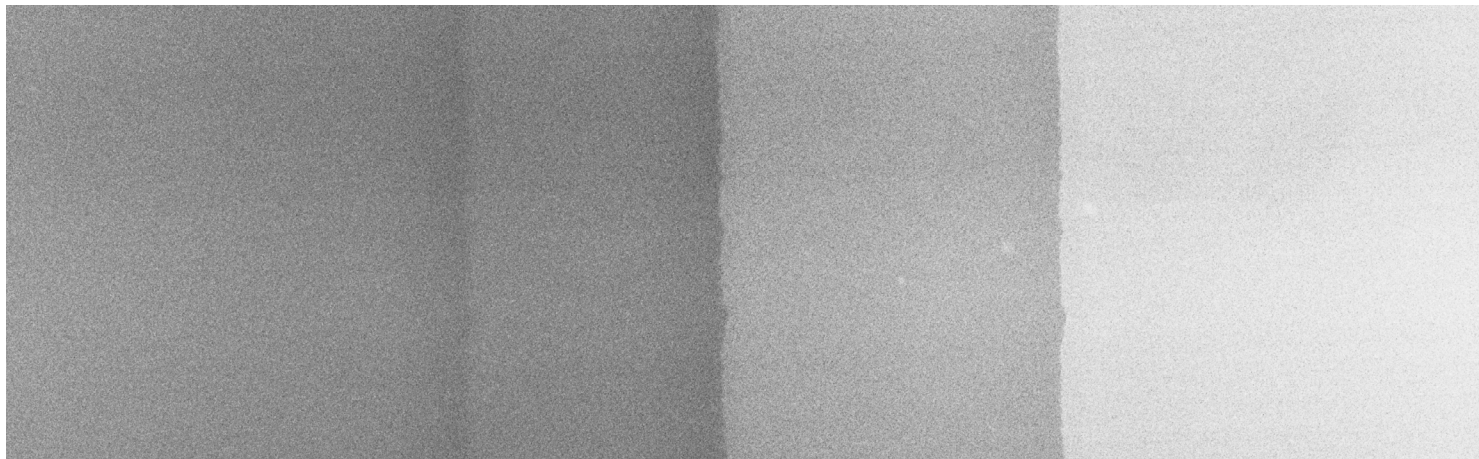
Constantes companheiros de pensamento e produção;

Encontrei com Didi-Huberman antes de sair de casa, na possibilidade de ver imagem na falta, no vazio; de preencher de memória o não visto, o só imaginado. Jacques Rancière me deu coragem, mostrando o valioso papel da consciência artística em meio a cidade; cidade essa que Michel de Certeau me ensinou a traçar caminhos, a encontrar segredos e deixar alguns em meio aos meus passos. Entendi, com Walter Benjamin, a importância da narrativa e da memória cristalizada a partir de uma história contada. Me pus a escrever. Observei prédios, ruas, carros e ônibus com George Perec, dando sempre importância à banalidade dos detalhes diários. Detalhes que anotei em meu bloco de notas, feito um diário íntimo, que me foi assegurado e encorajado por Maurice Blanchot. Escrevi sobre diversas cidades: íntimas, silenciosas, invertidas, aquáticas, barrentas, ensolaradas, acinzentadas, e em todas, indagava se Ítalo Calvino já as conhecia. No meio do passeio público, caminhei com Francys alys coletando pedaços de memória. Vi Morandi pintar fachadas de casas, e fiz de suas janelas residência durante alguns dias. Dessas janelas, vi Vincent Van Gogh sentado em um banco. Desci e o fiz companhia. Nos buracos dos muros, imaginava caber Brígida Baltar. Encontrei com Baudelaire numa esquina e fui apresentada ao ligeiro encontro da cidade, entre tudo de mais permanente e descontínuo.

Enquanto isso, Paulo me fotografava.

Referências bibliográficas

- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**, 2002
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**, Tradução Ivone C, 2012
- MAURICE, BLANCHOT; LEYLA, Perrone-Moisés. **O livro por vir**. 2005.
- CALVINO, Italo. **Marcovaldo: ou as estações na cidade**. Editora Companhia das Letras, 1994
- TESSON, Sylvain. **La panthère des neiges**. Paris: Gallimard, 2019.
- SILVA, Paula Oliveira E. Francisco PETRARCA. **Carta do Monte Ventoso**. 2007.
- CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.7-11.
- BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Banda Oriental, 1978.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Editora Companhia das Letras, 1990.
- CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte**, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. **Partilha do sensível**. 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**, Brasiliense, 2017.
- PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: G. Gili, 2016
- ALYS, Francis. **Zapatos magnéticos**, Havana, Cuba, 1994; 4:24 minutos (Disponível em <https://francisalys.com/zapatos-magneticos/>)
- MORANDI, Giorgio. **Cortile di via Fondazza**, 1954
- GOGH, Vicente Van. **Quatro pessoas em um banco**, 1882
- BALTAR, Brigida. **Abrigo**, 1996
- VALERIANO, Paulo. **Série de Fotografias**, 2023



Mariana Nunes Siqueira
Brasília
2023